



INFORMAÇÃO MIÚDA: INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA

Vitor Iorio*

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Este artigo apresenta uma nova modalidade de informação — a “informação miúda”. a partir da constatação de que a comunicação globalizada tem gerado indivíduos desterritorializados e desin-formados daquilo que os cerca mais estreitamente, o autor propõe a adoção de um tipo de informação de pequeno alcance como instrumento de resistência à atomização. a “informação miúda”, fornecendo ao indivíduo conhecimento de seu próprio território, prepara-o para desfrutar da informação global sem perder a dimensão de sua espacialidade original.

Palavras-chave: Comunicação, Território, “Informação Miúda”.

O homem moderno está plugado num mundo de imagens espetaculares, recheadas de dados fragmentados que bombardeiam seu cérebro a uma velocidade estonteante, mas que pulverizam sua noção de territorialidade. Este homem percorre o mundo com o olhar entorpecido de quem vagueia por entre peças de um enorme quebra-cabeça sem se dar conta de que sua limitada percepção apenas lhe concede a experiência da fascinação — jamais lhe permitirá ter uma visão particular da unidade final desta multifacetada realidade. Reage com indiferença aos fatos que são gerados no interior de sua espacialidade histórica e cultural, não se deixa fascinar por aquilo que diz respeito ou que acontece nos estreitos limites de sua cotidianidade. Experimenta e se orgulha da convivência virtual com o outro através da mídia, mas tem se revelado cada vez mais incapaz no relacionamento com o seu vizinho, e incompetente na articulação das coisas do seu território.

Contrabalançar as forças inevitáveis da globalização com o fortalecimento dos laços do território, estruturando um movimento de resistência cultural e impedindo o desenraizamento do indivíduo — este parece ser o grande desafio deste novo século.

* Vitor Iorio é doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Singularidade, pertença, localização: neste movimento de resistência, tudo conduz ao indivíduo. É ele quem hoje constitui a audiência, quem episodicamente, segundo Baudrillard, transporta o sentido¹, aquele que só pode ser concebido em função do território, e aquele sobre quem recai a responsabilidade de, ao exercer sua territorialidade, emancipar-se e garantir a realização do processo de mundialização cultural, transformando e absorvendo o global no interior de sua ambiência.

Enfrentar a globalização, portanto, não significa combatê-la e sim, ao contrário, complementá-la, dando condições ao indivíduo de desfrutá-la em profundidade, mas sempre, como diz Sodré, “ao sabor de criação da terra”², ou seja, respeitando sua espacialidade original, localizando-o. Longe de significar uma ameaça para o modelo globalizante atual, tão interessante e conveniente para a economia da comunicação, a defesa de uma ação conjunta e simultânea da localização e da globalização na sociedade tem por finalidade não só criar condições para a existência da primeira como também fortalecer e consolidar a segunda. Como explica Znaimer, essas duas tendências “estimulam-se entre si, uma gerando mais da outra”³.

Enfrentar a globalização desta maneira consiste em impor um limite à ganância capitalista de querer globalizar tudo para maximizar lucros. Consiste, principalmente, em operar uma mudança radical nas crenças que fundamentam as estratégias de globalização até então. É preciso demonstrar que (1) informação não é um produto industrial qualquer, embora possa ser produzido industrialmente; que (2), segundo Baudrillard⁴, seu efeito moralizante não atinge as massas (saturadas dessa comunicação racional, elas se guardaram no silêncio); que (3) só o indivíduo pode ser destinatário desta comunicação enquanto veículo de sentido, de conteúdo; e que (4), neste momento em que as instituições não mais se fazem necessárias na coordenação dos impulsos de comunicação da sociedade (indivíduos se comunicam, formam grupos espontâneos e se fazem representar na defesa de seus interesses comuns), este indivíduo deve estar enraizado o suficiente para não se perder no universo global como mero espectador fascinado, sem consistência, sem subjetividade, sem condição de partilhar significativamente dessa troca comunicacional e de consumo.

¹ Baudrillard, 1994, p. 16.

² Sodré, 1995.

³ Znaimer, 1991, p. 77.

⁴ Baudrillard, op. cit., pp. 16 e 17.

Embora reconheça que, como defende Sávio, “a sociedade moderna está passando da era da informação para a da comunicação”⁵, isto é, está deixando de viver sob o regime verticalizado da informação para viver sob o regime horizontalizado da comunicação, em que os homens estão em comunicação direta, sem intermediários, uns com os outros, acredito que a resistência cultural à globalização ainda terá que recorrer, principalmente neste primeiro momento, à informação enquanto instrumento vertical. Somente num segundo estágio deste processo de emancipação é que será possível deixá-lo inteiramente à cargo da sociedade, numa transmissão horizontal de sentido.

Para combater a desterritorialização e a conseqüente desinformação presentes nas sociedades globalizadas, proponho o emprego daquilo que chamo “informação miúda” como instrumento de emancipação cultural. Como toda ferramenta nova, a “informação miúda” carece de definição precisa e manual de utilização.

Impossível defini-la, no entanto, sem antes contextualizar sua existência no espaço fisicamente determinado do território. Como instrumento de divulgação de sentido entre indivíduos, a “informação miúda” se faz no “relacionamento cosmológico do sujeito com a sua cotidianidade, com o seu território”⁶. Estar vinculado ao território do sujeito compreende estar atrelada a uma série de dimensões que se circunscrevem em diferentes níveis, numa relação concêntrica de pertença individual.

Numa dimensão mais ampla, pode-se situar o indivíduo no território mundial como um cidadão internacional, por exemplo. De forma concêntrica a partir do eixo do sujeito, pode-se ir tomando dimensões menos abrangentes, situando este indivíduo no território do seu país, do seu Estado, da sua cidade, do seu bairro, da sua rua, do seu prédio, da sua classe social, dos seus interesses profissionais, das suas preferências esportivas, do seu clube social, do seu papel familiar, da sua religiosidade, da sua subjetividade... A combinação de algumas destas segmentações insere o indivíduo no circuito da cultura mundial, nacional, regional, local, comunitária, profissional, e assim por diante. Em cada um destes contextos ele se depara com outros indivíduos que não necessariamente partilham integralmente os mesmos níveis de inserção territorial, mas que, circunstancialmente, constatarem que algumas de suas dimensões particulares estão em interseção com a dos demais. Cada indivíduo, portanto,

⁵ Sávio, 1996, p. 71.

⁶ Sodré, loc. cit..



participa simultaneamente de vários conjuntos: a análise combinatória de todas as suas interseções na sociedade permite inúmeros cruzamentos e encontros.

É importante salientar que os encontros que caracterizam multidões ou massas não podem ser foco direto da “informação miúda” pois esta conduz sentido emancipador e isto só pode ser transportado pelo indivíduo (nas massas, o indivíduo se dissolve na alma coletiva e não mais conduz, apenas dispersa silenciosamente o sentido). Atingir as massas é tarefa dos veículos de comunicação de massa convencionais — centros irradiadores, transportadores não de sentido mas de espetáculo, signos e fascinação. Assim, o território ao qual se vincula a “informação miúda” tem fronteiras mais estreitas, embora esteja transpassado dos elementos das dimensões mais amplas nas quais o indivíduo está inserido. Numa trajetória circular, a “informação miúda”, consciente da espacialidade universal do sujeito, se dirige aos níveis de inserção social mais próximos deles (aqueles nos quais ele ainda pode ser identificado como indivíduo), emancipa-o pelo enraizamento do conhecimento deste território e, assim, prepara-o para a sua re-inserção na esfera nacional e mundial. Reforçando as identidades culturais do indivíduo através da revelação de cada um dentro do seu mundo, do seu cosmos, torna-o resistente para usufruir positivamente do contato com as diferenças e supremacias sem se desintegrar na massa global. Em outras palavras, finca-lhe o pé no chão, revela-lhe sua verdadeira autoconsciência para que possa percorrer outros solos com a visão clara da alteridade sem perder o referencial da identidade.

Impossível de ser veiculada pela mídia convencional (de natureza globalizante), a “informação miúda” deve ser conduzida por veículos alternativos — não aqueles panfletários, típicos dos movimentos de resistência política ao poder dominante, mas aqueles culturais, institucionais e de serviço que irão desencadear o processo de resistência cultural dos vários segmentos da sociedade. A “informação miúda” é aquela que resulta de uma malha interdisciplinar na qual se cruzam dados geográficos, históricos, sociológicos, antropológicos e culturais do território, sempre depurados pelo aspecto individual. Não é aquela que se armazena com a sensação de que pode ser importante ou ter alguma aplicação algum dia. Cada indivíduo deve ser o filtro catalisador de uma massa de informação que pode chegar até ele por inúmeros canais, mas que necessariamente precipita uma aplicação local.



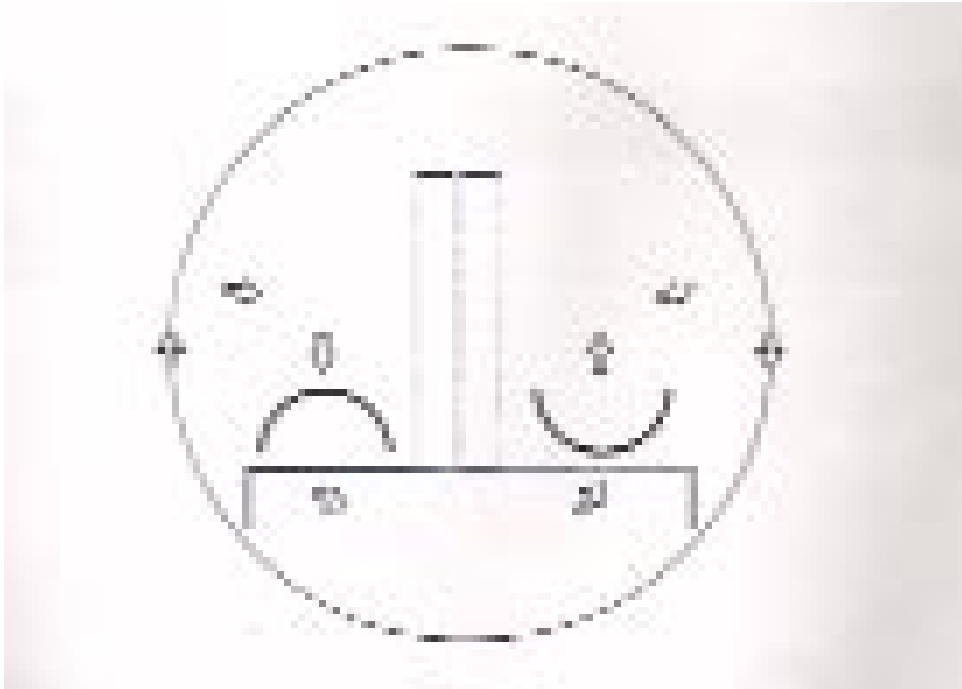
Informação local, comunitária, de minorias, de sindicato, de empresa, de bairros, de serviço, de utilidade pública: no fundo, todas de caráter alternativo⁷ em relação à informação tradicional, da mídia convencional, dos sistemas massivos de comunicação globalizante. Todas atendendo à demanda do público de aliar seu desejo de saber-para-se-sentir-parte-do-mundo com sua necessidade de saber-para-decidir-e-participar-melhor-de-seu-pequeno-mundo. Todas com um sentido de utilidade mais estreito, de aplicação mais imediata. Cada uma delas veiculada alternativamente através de um jornal de empresa, uma rádio livre, um programa de TV a cabo, uma performance teatral, um circuito de comunicação boca-a-boca, um sistema de auto-falante, uma folha mimeografada distribuída em mãos, ou mesmo um site na Internet.

Institucionais, educativos ou comunitários, formais ou informais: os produtos desta comunicação alternativa miúda concorrem para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos porque interditam a desinformação e seus efeitos corrosivos para a integração social, como os boatos, a alienação e a desterritorialização. Tais efeitos não são apenas nocivos à integração local como também à nacional e à universal. A ausência deste circuito de irradiação de pequeno alcance é que impede o processamento da informação global na ambiência do indivíduo, tornando-o atomizado, mero repetidor autômato de qualquer dado veiculado na mídia. Os veículos alternativos divulgadores da “informação miúda” estão, portanto, em estreita relação com o mundo global dos veículos de massa.

Concebo a “informação miúda” como parte de um sistema circular de comunicação, cuja face externa alimenta e é ao mesmo tempo alimentada por sua face interna. Os termos externa e interna referem-se ao local de produção da comunicação: o primeiro corresponde à mídia convencional que, destacada como uma instituição que opera numa instância de poder acima da sociedade, direciona sua produção de fora para dentro do grupo social; o segundo corresponde aos veículos formais e informais de comunicação alternativa que produzem e processam suas informações internamente, a partir ou não da grande mídia. A sociedade é, assim, o núcleo de todo este sistema e compõe aquilo que chamo de sua estrutura interna. A estrutura externa consiste naquela membrana que define os limites da sociedade: são os veículos de comunicação de massa, responsáveis pela criação dos simulacros que visam administrar tecnoburocraticamente a audiência/nação. Esta mídia irradia informações de

⁷ Azêdo, in Erbolato, 1985, p. 175.

amplo espectro (internacional, regional ou nacional) no interior da sociedade, no núcleo deste sistema. Internamente, esta sociedade, que produz, apura e divulga suas “informações miúdas”, absorve a informação global, transforma-a a partir da perspectiva do seu território e a devolve transpassada desta ambiência para a estrutura externa, que se alimenta dela, transformando-a em pauta de seus veículos.



Claramente inspirado num forte signo da territorialidade brasileira idealizado para representar o equilíbrio de forças (o Congresso Nacional), este modelo foi adaptado para simbolizar a circularidade da comunicação no interior da sociedade. Sobre a forma côncava são depositadas as informações dos veículos de comunicação de massa que imediatamente penetram o núcleo social, se deixam permear pela “informação miúda”, produzida formal ou informalmente como fruto da ambiência, e retornam enraizadas para serem novamente aproveitadas pela mídia.

Um exemplo fictício deste processo: a mídia global invade os lares da cidade e Volta Redonda, no interior do Estado do Rio, com a pauta insistente de que a Pneumonia Asiática é a principal preocupação do sistema de saúde do mundo e do Brasil. No entanto, viver no vale



em que está encravada a cidade fluminense símbolo da siderurgia nacional significa, tanto para a população como para a classe médica locais, enfrentar a realidade de uma série de problemas pulmonares resultantes da **poluição**. Os jornais e a estação de rádio locais, as palestras médicas na Igreja principal, a encenação teatral de rua e as kombis com sistema de auto-falante que circulam pelo centro da cidade alertam para a grande incidência destes problemas, descrevem os sintomas principais, orientam os moradores para que se encaminhem à unidade de pneumologia dos hospitais para diagnóstico e tratamento, e ensinam técnicas de prevenção das doenças. Seja sob a forma de notícia, de aula, de entretenimento engajado ou de simples comunicado oral, cada um destes “produtos” de comunicação veicula “informação miúda”, totalmente pertinente à realidade de sua audiência e sinceramente voltada para a melhoria da qualidade de vida daqueles moradores. Os comunicadores de Volta Redonda chegaram à conclusão, baseada na simples observação de seu restrito público, de que de nada adiantaria a mera reprodução da pauta da mídia nos veículos locais: através da “informação miúda”, libertam-se da “camisa-de-força” global, encaminham a solução de um problema local grave, emancipam-se através da construção de uma identidade diferenciada, e, graças aos resultados obtidos com a estratégia, tornam-se fornecedores de notícia para os grandes veículos do Estado, interessados em divulgar para um público maior os efeitos saneadores desta experiência exemplar.

Num contexto em que vigora com extraordinária força a crença de que a informação nacional é mais importante que a local, e de que a internacional é ainda mais importante que a nacional, o exemplo acima está longe de poder deixar de ser fictício. Num país tão carente de independência econômica, política e cultural como o Brasil, a “informação miúda”, poderoso e elementar instrumento de emancipação, ainda é raridade. Claramente necessária, extremamente barata e de simples implantação: é espantoso que o mercado de comunicação não esteja explorando a “informação miúda”; é inexplicável que os vários segmentos da sociedade não tenham diagnosticado sua importância; é surpreendente que os novos técnicos de comunicação continuem preconceituosos em relação aos veículos alternativos.

Não se justifica, por exemplo, que um apreciador de teatro compre o programa da peça e só leve para casa as fotos dos atores protagonistas e do diretor, a ficha técnica, o crédito dos patrocinadores, e um monte de publicidade: frustrado, fica sem o texto, o contexto, sua importância, sua pertinência, e, ainda, sem informações sobre a montagem.



Também não se justifica que o funcionário de uma instituição qualquer deixe de participar de uma atividade de seu interesse, perca a oportunidade de concorrer a um cargo, de usufruir de um benefício a que tem direito, ou mesmo deixe de ter acesso a um recurso de trabalho que lhe é disponível por falta de “informação miúda”.

É inadmissível que os fiéis de uma paróquia saiam da missa com um folheto que, por ser dirigido aos paroquianos de toda a região, não os informa sobre os horários das missas naquela igreja, nem sobre os cursos que ela oferece; não lhes divulga a escala de celebrantes; e nem os compromete com as campanhas cujo êxito depende exclusivamente de sua colaboração enquanto paroquiano.

Sem “informação miúda”, o indivíduo vive na superficialidade de sua existência: sua socialidade se resume a uma miragem coletiva, sua participação é virtual, sua cidadania é só retórica. Sem “informação miúda”, o indivíduo fica sem território, e, sem território, passa a habitar o “mundo social”, desenraizando-se do “mundo da vida”, aquele horizonte simbólico regido, segundo Habermas⁸, pelas determinações da origem e da tradição dinâmica revigoradas pela compreensão presente. Em sua teoria do agir comunicativo, Habermas dedica parte de sua atenção a essa relação intrínseca entre o indivíduo e o território: para ele, este ser que existe habita simultaneamente dois mundos: o “mundo social” e o “mundo da vida”⁹. O mundo social, segundo o autor, se refere àquela existência socialmente integrada no domínio das instituições, às “relações interpessoais legitimamente reguladas” pelas “ordenações da esfera normativa”, de natureza racional universalista, que resultam do “descentramento da compreensão do mundo”¹⁰. Num sentido inverso, o autor define o mundo da vida como o domínio da ambiência, do “vivido cultural na multiplicidade de horizontes em que o indivíduo é dado desde a origem”¹¹, uma existência baseada em atitudes tradicionais, comportamentos originários, “solidariedades dos grupos integrados por intermédio de valores, e competências dos indivíduos socializados”¹². Assim é que, o ser que vive conectado e fascinado pela comunicação global transita apenas no “mundo social”, pois sua compreensão do mundo não passa pelo eixo de sua existência territorial. Fica atomizado, sem raízes, sem a experiência do “mundo da vida” que a “informação miúda” pode lhe proporcionar.

⁸ Habermas, 1989, pp. 156 a 172.

⁹ Habermas, Jürgen. 1989, pp. 156 a 172.

¹⁰ Habermas, op. cit., pp. 156 e 164.

¹¹ Sodrê sobre Habermas, loc. cit.



Desvinculado do acontecimento originário, do seu *locus*, o indivíduo fica fragilizado na sua capacidade de resistência, na defesa de sua cultura; deixa-se consumir pela massa e fascinar pela mídia; e sucumbe atomizado na desinformação.

Assim, para livrar o indivíduo da atomização, que corrói sua capacidade de participação cívica e sua capacidade de resistência, basta territorializá-lo, reconstituí-lo social e culturalmente em sua espacialidade, em sua ambiência originária. A “informação miúda”, então, é precisamente o instrumento que fortalece o indivíduo, transformando-o em cidadão, emancipando-o. E, num processo de circularidade comunicacional entre a mídia de massa e a alternativa, este indivíduo, emancipado culturalmente e liberto da atomização e da desinformação, é devolvido, como massa, ao circuito da mídia convencional e global.

Quando o sistema alternativo de informação estiver consolidado e os indivíduos estiverem transformados pela “informação miúda”, é provável que a massa destinatária do espetáculo mediático esteja a tal ponto constituída de indivíduos informados (territorializados), que ela acabe se manifestando de forma bastante diferente das maiorias silenciosas resistentes ao sentido: inversamente ao que se constata hoje, esta nova sociedade se comportaria, no essencial e em profundidade, como indivíduo, e apenas episodicamente como massa. Além disso, essa nova massa possivelmente inauguraria um comportamento mais exigente com a mídia convencional: basicamente, cobraria dela que alterasse sua natureza estrutural, uma vez que seu público já não seria o mesmo. Neste contexto, exigiria dela menos simulacro, fascinação e espetáculo, e mais serviço e pesquisa. Os indivíduos impregnados de “informação miúda” pelos veículos alternativos que estariam disponíveis na escola, nos bairros, já não suportariam, nem mesmo episodicamente enquanto massa, o comportamento atomizado de outrora. Certamente ainda se deixariam encantar pela ficção e pelo mero entretenimento, mas não aceitariam notícias mal apuradas, nem sensacionalistas nem tendenciosas – não aceitariam enfoques descentralizados de seu eixo territorial. Passariam a esperar, também da mídia convencional, que fornecesse informações voltadas para o seu território.

Como a massa não necessariamente representa o somatório de seus elementos constitutivos, a sociedade como um todo talvez nem seja capaz de absorver de forma tão marcante as transformações operadas pela “informação miúda” ao nível do indivíduo. Alguma

¹² Habermas, op. cit., p. 166.



repercussão há de ter, é certo, embora não se possa precisar sua velocidade de propagação nem sua intensidade. Parece suficientemente estimulante o fato de que o indivíduo pode ser transformado e de que o instrumento de sua transformação está em suas próprias mãos – não depende de engrenagens complexas, de injunções políticas, de tecnologia sofisticada, nem tampouco de preparo profissional. A “informação miúda” é sua defesa pessoal e a transformação que opera no indivíduo é revolucionária, extremamente eficaz e de efeito definitivo: retira-o da atomização, finca-lhe o pé no chão, ensina-o a indignar-se, a resistir, a participar e a retomar o controle de sua própria história.

Referências

- Baudrillard, Jean. À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Erbolato, Mário. Dicionário de propaganda e jornalismo. Campinas: Papyrus, 1985.
- Habermas, Jürgen. Consciência moral e agir comunicativo. Rio e Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- Sávio, Roberto. “Previsões sobre o futuro dos jornais”. Imprensa. Maio de 1996, São Paulo: Feeling Editorial.
- Sodré, Muniz. O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia. São Paulo: Ed. Cortez, 1992.
- _____. Palestra proferida na Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, 1995.
- Znaimer, Moses. “A TV sem estúdios”. In IBM 3º Encontro Internacional de Jornalismo: conferências e debates. Rio de Janeiro: Gráfica editora JB, 1991.